

UM TROVADOR EM FOCO

SELEÇÕES EM FOLHA



Ano 3, Nº 11 – NOVEMBRO 1999
Assinatura até Dezembro, 2000: 13 selos de R\$ 0,22
Este número ou anteriores: 3 selos de R\$ 0,22

O Trovador em Foco de hoje é uma trovadora paulista e paulistana da gama. Não apenas porque nasceu no bairro das Perdizes, cujo trajeto bucólico no bonde que a levava até a Praça da República muito a inspirou, mas principalmente porque, na tradicional escola da praça, naquele chão onde se desenrolaram os episódios marcantes das revoluções de 1930 e 32, ali se forjou a tempera de seu caráter íntegro, solidário e generoso.

Este perfil que inicialmente traço é fundamental para entender sua temática, seu estilo, suas fontes de inspiração e seu processo de criação da trova; pois que, é impressionante a identidade existente entre a criatura e as trovas que constrói.

Sua temática é ampla e variada; mas sobressai contudo, a presença, mais que isso, a preocupação com o Social, que a autora revela em diversos prismas. Por exemplo:

O social indignado:

Mão calejada estendida,
o velho a pedir um pão.
Ultraje a quem, pela vida,
lavrou com suor o chão.

O social esperançoso:

Crianças abandonadas
não vão mendigar o pão,
quando o espaço nas calçadas,
for em nosso coração.

O social que dilacera o ser:

Tanta miséria no mundo...
e apesar do meu empenho,
sinto um remorso profundo
de uma culpa que não tenho.

O social desesperado:

O mais cruel dos assombros
que a guerra traz à lembrança,
é se ouvir entre os escumbros,
o pranto de uma criança.

Social pleno de lirismo

Numa renúncia singela,
a mendiga esfarrapada
reparte o arroz da tigela
com as pombas da calçada.

Lirismo... até na violência do social

Ladrão... Cobiça no olhar;
ao vê-la, fica indeciso
entre o brilho do colar
e as pérolas do sorriso.

O seu lirismo se revela mais agudo quando ela transmuda o tema social para o ecológico, no qual se debate entre a denúncia e a impotência:

Vejo a natureza arder
no clarão de uma queimada,
e o que é mais triste é saber
que eu não posso fazer nada...

A harmonia deste mundo,
o homem com insensatez,
destrói, no solo fecundo,
tudo aquilo que Deus fez!

E com resignação:

A algazarra dos pardais,
ente as obras do arquiteto,
sempre alegre um pouco mais
a floresta de concreto.

Mas voltemos à velha Praça da República onde nossa trovadora tinha um encontro marcado com os livros, seus companheiros de toda vida. A tradicional escola da praça, o Instituto Caetano de Campos, propiciaria seu desenvolvimento precoce nas letras e nos números. No campo profissional, nossa trovadora realizou-se como professora de matemática; e isso tem tudo a ver com o seu estilo, o seu processo de criação e a natureza da mensagem de suas trovas.

De fato, a inspiração de René Descartes traduz na sua obra uma lógica cartesiana: "É preciso prestar atenção ao mundo exterior, e desvendar-lhes

os segredos, a intimidade da matéria que nos cerca... Para isso a nossa mente é o instrumento que, se usado com método, é capaz de captar estas estruturas..."

Tal lógica cartesiana está presente na construção do objeto trova. Por exemplo:

A saudade, em geometria,
lembra o centro solitário
de um amor que era alegria
num "círculo"... imaginário.

De fato, no processo de criação, a nossa autora enfatiza que suas trovas são vivências: o real vivenciado e interiorizado, passando pelo crivo cuidadoso da palavra;

Tudo se desagrava,
basta uma palavra boa;
liberta tua alma escrava
da mágoa que te agrilha.

...palavra bem cuidada, arduamente pesquisada em dicionários e gramáticas, em grande reverência à sintaxe e à semântica. Aliás este cuidado se pode ver, também, nos trabalhos manuais que realiza à perfeição, e que uma vez concretizados, se transmudam em trovas. Vejamos:

Tirando as folhas dos galhos,
o outono, bom tecelão,
tece colchas de retalhos
espalhando-as pelo chão.

Enquanto o tempo presente
tece a lenta eternidade
eu vou bordando, silente,
o crivo de uma saudade.

Poder-se-ia afirmar que as trovas filosóficas são o seu "forte"; também, quem tem como padrinho o realismo objetivista cartesiano, era de se esperar. Mas eis que ela nos surpreende na filosofia, quando se vislumbra em suas trovas uma dialética, onde o interior

subjetivo constantemente se objetiva.

Se não, vejamos.

Aqui ela sublima a tese/antítese:

Esqueça o mal em teu peito
mesmo mal retribuído,
mas nunca, de nenhum jeito,
esqueça o bem recebido!

Aqui, ela captura a dialética do movimento:

Não tente recuperar
aquele instante... bonito...
cada minuto, ao passar
já se perdeu no infinito.

Aqui ela poetiza a transformação:

Da desordem ou do estrume,
poderão surgir até:
— das violetas, perfume;
— do caos, sublime fê!

E assim vivendo, vemo-la se transformar de professora de matemática à mestra na arte da vida. "Vida é constante aprendizado..." ela diz. De fato, tendo completado recentemente oitenta anos; com setenta anos que ela ingressou no movimento trovístico. Pois bem: em dez anos, é detentora de inúmeros prêmios e possuidora de uma vasta biblioteca de trovas, tendo realizado e organizado oficinas e divulgado a UBT.

Sua vida pessoal apresentou muitas perdas; pessoas que se foram, deixando a saudade que lhe inspira. Mas há grandes ganhos também:

Para a nobre dama, um dia
pedem, as jóias mostrar;
com grande orgulho e alegria
seus filhos mandou chamar.

A nossa nobre dama ostenta também suas jóias: Ana Maria e Maria Isabel,

ambas herdeiras do amor às artes e a virtude, profissionais competentes. Mas...

Não importa a moradia
que vamos, aos filhos, dar,
mas o que importa é a alegria
de lhes darmos sempre... um lar.

E desfruta, ao longo de vinte e cinco anos da solidariedade do companheiro Hermes:

Meu coração já vetusto
bateu com tal rapidez,
que senti, com grande susto,
estar amando outra vez.

Ostenta ainda uma *corbeille* de netos e netas, aos quais ela dedicou um livro de contos, cujo título, Mar de Rosas, já é em si, a metáfora pedagógica com mensagem de vida.

Além de contista, nossa trovadora faz premiados haicais, que estão magnificamente apresentados em seus dois livros publicados. O mais recente, o requintado Camafeu.

E o anterior, aqui inverto propositalmente, pois que, se me permitem, quero justificar o tom laudatório e agradecido desta palestra, pois que ela é minha mestra, e das trovas antológicas, esta é a minha preferida:

Se perguntarem um dia
onde o céu mais resplandece,
com emoção eu diria:
— Onde o meu sonho acontece.

Maria Reginato Labruciano,
Obrigada!

Resumo da palestra proferida na reunião da UBT – Seção São Paulo, SP, no Clube Português de São Paulo em 17.07.99, por Selma Patti Spinelli.

PESCA MARAVILHOSA

— Pescando *cortes* (ou *brechas*) em haicais publicados no Jornal Nipo-Brasil de 23 a 29.07.99 —

No topo da árvore alaranjada e madura... Vou comer a lua!	Pela madrugada sinto o deserto na rua. Lua me acompanha.	Rajada de vento! nas águas do lago fatias de lua...	Guri no pomar, luar batendo nos frutos. Colheita furtiva.	A lua de outono ilumina o beco escuro... Os olhos de um gato...	Lua na janela. Ao meu amigo doente só digo até breve.
Clicie Pontes	Eusébio de Souza Sanguini	Guin Ga	Héron Patricio	Maria Reginato Labruciano	Neide Rocha Portugal
Crianças órfãs distraem caçando sombras. Se não fosse a lua...	Outro céu no lago. A natureza xerocando a lua de outono.	O céu, quase escuro. Um clarão na imensidão. A lua de outono.	A lua no porto balançando... balançando... Navio ancorado.	Árvores secas formam sombras deformadas. Lua de outono!	Passo lento, o velho segue a trilha do casebre. A lua de outono...
Elisa Neide Barbosa de Souza, Neidin	Fernando Vasconcelos	Haroldo Rodrigues de Castro	Mahelen Madureira	Nadyr Leme Ganzert	Oliria Alvarenga

COMIDA AOS QUILOS

Manoel F. Menendez

Horário de almoço. Restaurante. Prato feito, dinheiro curto, fila de pesagem. É o boxear nosso de cada dia. Peso-pluma que somos, aguardamos o veredicto da terrível balança quanto a nossa categoria real. Suspense.

Alívio. O prato não passou dos 300gr! Nosso treino diário frutificou. A corda bamba nas ruas, os

desvios de sopapos até da nossa própria sombra! Valeu a longa, a científica dieta e a manutenção desse peso-alimento diário dado com tamanha precisão!

Sentados num dos cantos, diante do prato, já somos outro. A luta começa. O bife é enfrentado

sem serrote e sem derramamento. Depois, a azeite-na. Ela se desvia, volta, escapa. Insistimos. Não lhe damos trégua até acertar-lhe uma garfada direta! Pelo menos dela saio vencedor.

Agora, prato limpo, risonho nocaute no quilo de dez segundos. Depois, a fila do caixa.

Na máquina registradora, fria, analítica, de 100 em 100gr a nova tabela de preços, prenunciando treino intenso futuro para baixar à categoria dos pesos-consciência.

Na parede, velho cartaz desbotado nos lembrando um sabonete que valia quanto pesava no tempo dos mil réis...

O ESCRITOR E O MONSTRO

Sonia Regina Rocha Rodrigues, em A Lua e a Pena – V Antologia da Associação de Poetas e Escritores da Baixada Santista, 1996

Era uma vez um homem tão sensível, tão meigo e de coração tão puro que só podia ser mesmo o que era: um escritor de histórias infantis. Ele vivia em um mundo mágico e encantado cheio de nuvens rosas, animais que falam e monstros, que, encontrando o Amor, tornavam-se bonzinhos.

Ele seria muito feliz se não fosse por um detalhe: a esposa, que não cessava de reclamar o dinheiro do aluguel, do açougue, do colégio dos meninos... até

que, por insistência dela, ele empregou-se em uma repartição pública.

Nunca, porém, ele deixou de escrever. À noite, trancava-se no quarto e deixava rolar a esfera de tungstênio, para deleite dos filhos e quantos quisessem ouvir suas histórias.

Histórias tão boas, que um amigo levou-as a uma editora, que comprou-lhe não uma, mas todas, e encomendou mais. Um grupo de teatro adaptou suas histórias para o palco. Um pro-

grama infantil de TV contratou-o como roteirista. Era a consagração em vida. E a oportunidade de trocar o escritório enfadonho pelo seu mundo mágico e encantado...

A esposa reconeceu com as ladinhas – precisavam ter casa própria, um carro, colocar os meninos em um colégio melhor e ela sempre sonhara em conhecer a Europa.

Nosso pobre escritor começou a ter estranhos pesadelos, em que seus

heróis bonzinhos voltavam a ser monstros com idéias assassinas.

O psicanalista que ele procurou quis interná-lo imediatamente, mas ele recusou, querendo apenas comprimidinhos para dormir.

Ele tentou sozinho a catarse, transformando os pesadelos em contos curtos de terror, mas o editor não os aprovou – estavam fora de moda. Poe já esgotara o gênero e ele nem ao

menos tinha a originalidade de um Kafka.

Seus livros vendiam bem, o programa infantil foi premiado, suas peças viajavam país a fora, trocava de carro e podia finalmente financiar as férias da família na Europa.

Por isso ninguém entendeu por que, certa madrugada, ele esfaqueou a mulher e os filhos e enforcou-se no lustre.

KIDAI S DE PRIMAVERA



Magia do céu, na chuva de primavera, reflorindo as flores. Ailson C. de Oliveira	O cheiro mavioso no pé da árvore florida. Flor de goiabeira. Haroldo R. Castro	Desfaldada ao vento, sem ter jogos nem torcida: Dia da Bandeira! Mariemy Tokumu
Aí! o som metálico da araponga do vizinho, fere meus ouvidos! Albertina C. G. Santos	Hoje é Finados. Velas, flores, lágrimas. Quantas saudades!... Helvécio Durso	Flores nas tumbas no Dia dos Finados. Festa dos mortos! Nadyr Leme Ganzert
Lindas buganvílias! As três-márias da terra, caídas do céu... Amália M. G. Bornheim	Com sabão nos olhos o menino energa as nuvens na bolha que explode. Héron Patrício	De repente os dedos rompem o som da viola: — Canta o curió. Neide Rocha Portugal
Na maior paquera o bem-te-vi assanhado chama a companheira. Cecy Tupinambá Ulhôa	A manhã desperta! Entre brisas e gorjeios, céu de buganvílias... Humberto Del Maestro	Só na gaiola canta um triste curió o dono faz festa! Nilton M. A. Teixeira
Marchas verde-oliva pelas vias de novembro. Dia da Bandeira. Demétrio Pereira Sampa	Dia da Bandeira: Papagaio cantolaria hino predileto. João Elias dos Santos	Com flores de fogo, bu- ganvília estende os ramos colorindo o muro. Olga dos Santos Bassade
Uma casa branca a buganvília florida pinta de vermelho. Djalda Winter Santos	No Dia da Bandeira menino ícia a meio pau pendão do seu time. José N. Reis	Gaia dando cria, Um gatinho nasceu morto. Alimento diferente. Olíria Alvarenga
Na tarde longa espanto e preguça ao canto sonoro, do curió. Douglas Eden Brotto	Bolha de sabão, leva, soprada na brisa, frágeis ilusões. Leda Mendes Jorge	O choro soluça debruçado sobre o esgoto grita a Natureza. Patrícia Maia Patrício
Sentindo aversão às águas sujas que abraça... Vistoso choroão. Fernando L. A. Soares	Pedinte com trapos verdes-amarelos marcha! Dia da Bandeira... Leonilda H. Justus	Desastre na sala! Por debaixo da cadeira a rã coaixa... Quellen C. A. Tabosa
no palco simples da roça... recita no ocaso. Fernando Vasconcelos	Vai se completando a beleza das flores. Chuva de primavera. Marcelino R. de Pontes	no vento que leva e traz, vai e vem o curió. Sergio de Jesus Luizato
Cai a chuva morna e tranqüilo, o choroão desfruta o banho. Franciela Silva	Água e vento juntos mur- murando amenidades... O salgueiro fica. Maria de Jesus B. Mello	Novelas de lá, Enrola o focinho. Gatinho. Sônia M. M. Cozzo



KIGOS à escolha para até três haicais a serem enviados

até o dia 30.11.99:

Amora, Dia da Vacina, Tico-tico.

Até o dia 30.12.99:

Açucena, Dia da Música, João-de-barro.

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (localizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), composto assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como assunto principal o kigo, palavra da sazão. O haikai de sazão deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai contém ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo (cada conjunto com uma única ½ folha de papel carta ou ofício), escrever o nome e o endereço e assinar e espachá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 30 de respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos kigos.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), com o fim de selecionar 10% deles.

O haicasta se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa de rol para a escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais próprios lavra.

O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do fim do mês seguinte.

IPÊS EM FOLHA



Agulha em ação! Mãe tira bicho-de-pé... Garotinho chora. João Batista Serra	Fim da vaquejada... O velho vaqueiro dorme primeiro que o sol... Ercy M. M. de Faria	Entre folhas verdes a nespreira oferece seus frutos dourados... Santos Teodósio
Passa a vaquejada... Um touro de outra manada fica olhando as vacas! M. U. Moncan	Na banca da feira, olhinhos arregalados saboreiam nêsperas... Ercy M. M. de Faria	Currais reforçados... Peões preparando laços... — Vaquejada à vista!... Maria Madalena Ferreira
Nêspera madura é tão doce como mel. Festa das abelhas... Agostinho José de Souza	Domingo no sítio pés descalços no terreno... deu bicho-de-pé. Olga Amorim	Inseto daninho pro- curando um hospedeiro. — Bicho-de-pé. Alda Corrêa M. Moreira
Nêsperas douradas e canários amarelos... Meu quintal em festa!... Hermoclydes S. Franco	Num vaso de barro a mãe planta pra filhinha semente de nêspera. Luís Koshitiro Tokutake	Agulha sem linha Sob a pele levantada, um bicho-de-pé. Analice Feitoza de Lima
Olhos cobiçosos sobre o muro do quintal... — Nêsperas maduras! Maria Madalena Ferreira	Entre folhas verdes gotas de sol concentradas: nêsperas maduras... Darly O. Barros	Vaqueiros gritando, gado espalhado no campo. Uma vaquejada. Analice Feitoza de Lima
Finda a invernoada; o berrante vai chamando manada do campo. Cícero Campos	Uma vaca atrasa proissão da vacaria: Quer comer capim! Sandra Parana	Vaquejada alegre. Rodeio cheio de prêmios. Festa nordestina. João Batista Serra
guri ganhou de presente bichinhos no pé! Sandra Parana	anuncia a vaquejada. Termina a estação. Alba Christina	e a vaquejada acontece... Rodeio dos sonhos!... Hermoclydes S. Franco
Bailado de pássaros em torno do mesmo alvo nêsperas nos galhos. Darly O. Barros	A missa começa! Criança tira o sapato: — É bicho-de-pé! Edel Costa	Ao som do berrante, estouro da vaquejada. Sonho pantaneiro. Renata Paccola
Crianças descalças, pisam na terra, sem medo do bicho-de-pé. Elen de Novais Felix	Frutos deliciosos! Passarinhos se delectam ao bicar as nêsperas. Edel Costa	Um bicho-de-pé. Na cocorinha gostosa lembranças da roça. Yedda R. Maia Patrício
Por andar descalço interrompida coceira de um bicho-de-pé... Darly O. Barros	O garoto e a nêspera. Mor- dendo o fruto agradece... carieta e atrepitos. Mº Reginato Labruciano	Há festa na estância e a nespreira do vizinho vem pulando o muro. Alba Christina

Deus, o Artista Maior desta amplitude,
arquitetou tal manto salpicado,
de enormes rochas, árvores, rendão
verdeante a envolver todo este prado.
Pedras desnudas, que decoração!
E em torno um difluir do avermelhado
sol, raios que refletem levidão
entre as sombras, silêncio unificado.
Quebrada a quietude por ruidosos
motores, lá na estrada, em fila, quando
contornam altos morros sinuosos.
Uma fonte esculpida no rochedo,
traz aragem serena e aroma brando;
guardam o romantismo e mais segredo.
Geni Fuzato Dagnone, Quietude; em
Informativo CPAC – Poesia e Arte 08

Eu, já nem sei há quanto tempo
navego nesse mar cheio de estrelas,
e choro as lágrimas salgadas,
da multidão de amigos
que já se foram,
e no infinito de canções suaves,
que ouço ao me deleitar
com as coisas que transcendem,
eu me ponho, sozinha, de saudade,
a chorar, as mesmas lágrimas salgadas
do mar cheio de estrelas,
da multidão de amigos meus...
Maria L. N. Fraga, Saudade; em
Informativo CPAC – Poesia e Arte 08

“A pena, permita o leitor que a descreva,
é sucinta a descrição da pena:
fio de aço, que com tinta se envenena.”
Memorizado – texto correto (?); Autor (?)

A pena já não era nem é a pena:
é uma ponta esferográfica.
Nem restou a pena
da pena primeira...
Manoel F. Menendez
Procurei-te nos versos que escreveste,
nas estrelas perdidas pelo espaço.
Interroguéi a luz, o vento e a haste
reclinada das flores indolentes.
Debalde! Fui achar-te ao pó da terra,
confundido às bactérias que cantaste...
Décio Araújo, Elegia; em Fanal 08.99

Um samba juntou-se, um dia,
a uma valsa de emoção...
Dessa união nasceria
o som do samba-canção!...
Hermoclydes Siqueira Franco
No alto daquele cume,
plantei um pé de roseira.
O mató no cume cresce,
a rosa no cume cheia.
Quando cai a chuva fina
salpicos no cume caem,
lagartos no cume entram,
abelhas do cume saem.
Quando cai a chuva grossa,
água no cume desce,
flores no cume criam,
a floresta no cume cresce.
Quando vem rompendo a aurora
no cume volta a alegria
e torna a brilhar depressa
o sol, que no cume ardia.
A Rosa do Cume, em Ceará Rindo...
de Plautus Cunha (Quintino Cunha)

Os defuntos meus,
ai, os defuntos meus!...
Sorrriem, brincam,
ressuscitam
e uma coisa aqui,
no fundo do peito,
bombeia o diafragma,
aumenta o ritmo da respiração,
vai lubrificando os olhos
e as minhas narinas...
Manoel Fernandes Menendez, Catari! Catari!

Ich wünsche ein farbigwelt,
ich bin ein Dichter des Friede...
Meine Worten haben Freuden,
ich schreib und spreche mit Liebe!
Santos Teodósio, Made in Germany
A primavera espalhou
flores no meu coração...
Minha alma se ajoelhou,
diante de cada botão...
Amália Marie Gerda Bornheim
Eu vivo versificando,
vou dormir fazendo verso.
Passo esta vida cantando
tudo quanto há no universo.
Cecília de A. L. Murayama, em
Informativo CPAC – Poesia e Arte 08
Quem mente se contradiz
por viver mentindo a esmo,
pela mentira que diz...
já não respeita a si mesmo.
Ernesto Tavares de Souza, IX Concurso
UBT Pindamonhangaba, 07.99

Nosso namoro de escola
eu guardei a vida inteira,
num bilheteinho de cola
passado sob a carteira...
Renata Paccola
Gira o mundo, a vida passa,
passa a vida e o mundo gira,
como sucede à fumaça
que se eleva duma pipa.
Miguel J. Malty
Bonita,
uma graça.
Cosmopolita,
faz a vida
de palhaça.
Em uma trapaça,
se embriaga
de prazer,
mas deixa
outros
de ressaca.
José Bittar Filho, Viver; em
Informativo CPAC – Poesia e Arte 08

És o nosso lago amigo
volume de gotas
na concha do chão.
Noite e dia
corre dentro de ti
o rio-verde
onde se reflete
a esperança.
Gota a gota
correrás
dentro do tempo.
Guomar Charca, Paraná; em Fanal 08.99

Quando eu o vi
deitado no teu colo,
recebendo os teus
afagos;
quando eu vi
tuas mãos
deslizando sobre ele;
quando eu vi
teus lábios
roçar-lhe a pele;
quando eu vi
tanto carinho,
naquele momento
eu tive o desejo
de ser
teu cachorrinho.
Aloysio Alfredo Silva,
Inveja; em Fanal 08.99

Ao compasso
de um fracasso
terá sido,
Fernão Dias?
Ao compasso
da procura,
só restou-lhe
amargura?
As esmeraldas
fantasiaram-se,
mascaram-se,
em pedras verdes?
Presto, presto,
Fernão Dias,
vai ver como estão
as cidades
que plantaste!
Da Plantação de Cidades,
Segundo Bilac; MFM

Rompe a primavera.
É cerejeira, vaidosa,
é só floração.
Vem surgindo o dia
e uma araponga não deixa
corujas dormirem.
Chuva de verão:
o céu explodindo em luz.
E na terra enchentes.
Fim de chuva forte.
A beleza do arco-íris
vai pintando o céu.
Dia ensolarado!
O girassol deslumbrado
acompanha o sol.
O menino vê,
com frio no coração
cair seu sorvete.
Leda a samambaia
ostentando folhas verdes
rompe de uma pedra.
Da paineira ao vento,
os frutos soltam no ar
seus flocos de neve.
Goiaba bichada:
com dupla satisfação
um passaro almoça.
Leda Mendes Jorge,
nove haicais de Haicais, 1999

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔
O trevo guilhermano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.
O trevo **senryu** é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.
O trevo **haikai**, é sempre “aqui e agora” – não conceitual.
O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!
Assim, temos:
trevo **haikai** personagem ou **trevo haikai senryu** (não filosófico),
trevo **haikai** subentendido e, finalmente,
trevo **haikai sazonal**, poesia pura – contém palavra da sazão (kigo).
Simbolizamos o trevo haikai de sazão pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de trevo todos os <i>tercetos independentes</i> : ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ O trevo guilhermano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª. O trevo senryu é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental. O trevo haikai , é sempre “aqui e agora” – não conceitual. O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo! Assim, temos: trevo haikai personagem ou trevo haikai senryu (não filosófico), trevo haikai subentendido e, finalmente, trevo haikai sazonal , poesia pura – contém palavra da sazão (kigo). Simbolizamos o trevo haikai de sazão pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!	Trevo senryu: Um dia no ano flores enfeitam túmulos: Dia dos Finados. Djalda Winter Santos Dia da Bandeira. Dezenove de novembro. Vamos respeitá-la? Haroldo R. de Castro	Trevo haikai senryu ou trevo haikai personagem: O menino luta no cemitério com o vento ao acender a vela. Paulo Alfredo Feitoza Böhm O mastro, um bambu e no barbante a bandeira que o menino hasteia... Olga Amorim	Trevo haikai subentendido: Aborda a natureza (flora, no caso) sem definir-lhe a estação. Cereado por flores nenhuma flor no jazigo. Nem nome. Só pó... Darly O. Barros No quartel florido a bandeira sendo hasteada. Hino Nacional. Manoel F. Menendez	Trevo haikai sazonal: Aqui, kigos vivenciais de primavera: Só uma flor na tumba. Num oh! chupim pouca e canta! Dia dos Finados. Leonilda Hilgenberg Justus Dona da festa pendurada ao contrário Dia da Bandeira. Carlos Roque Barbosa de Jesus
---	--	--	---	--

